

Engajamento e produção intelectual em *El Mono Azul* e *Hora de España*

Engagement and intellectual production in *El Mono Azul* and *Hora de España*

Douglas de Freitas Pereira
Mestrando em História
Universidade de São Paulo
douglasfreitas77@gmail.com

Recebido em: 10/06/19

Aprovado em: 04/08/19

Resumo: Este artigo dedica-se a analisar dois periódicos publicados durante a Guerra Civil Espanhola que reuniram os principais intelectuais da Espanha daquele período, *El Mono Azul* e *Hora de España*. A partir do debate sobre o uso dos periódicos como ferramentas de intervenção social por parte dos intelectuais, a exposição desenvolvida buscará demonstrar a especificidade do engajamento intelectual antifascista durante a guerra. Por fim, o artigo também aponta para a junção entre cultura e política promovida pelos intelectuais nesses periódicos.

Palavras-chave: El Mono Azul; Hora de España; Engajamento Intelectual.

Abstract This article is dedicated to analyze two periodicals published during the Spanish Civil War that reunited the most important intellectuals of Spain of that period, *El Mono Azul* e *Hora de España*. Starting with the discussion on the use of periodicals as tools of social intervention by intellectuals, the exposition developed will seek to demonstrate the specificity of antifascist intellectual engagement during the war. Finally, the article also points to the connection between culture and politics promoted by the intellectuals in these periodicals.

Keywords: El Mono Azul; Hora de España; Intellectual Engagement.

Introdução

Ao escrever sobre as revistas culturais, Beatriz Sarlo (1992) atentou para o fato de que sempre que a frase: “publiquemos uma revista” é pronunciada, ela carrega consigo a ideia de que uma revista é necessária por razões diversas. Ainda segundo a autora, os intelectuais buscam nas revistas aquilo que não podem encontrar nos livros, pois, se o tempo das revistas é o presente, como afirma Pablo Rocca (2004), seria através delas que os intelectuais conseguiriam intervir nas questões colocadas pela conjuntura e contexto no qual estão inseridos. Sarlo (1992, p.9), dessa

maneira, afirma acertadamente que “publiquemos una revista’ quiere decir ‘hagamos política cultural’, cortemos con el discurso el nudo de un debate estético o ideológico”. O texto escrito por Beatriz Sarlo tinha como objeto as revistas culturais latino-americanas, mas pode abranger perfeitamente publicações em outros contextos, inclusive aqueles de guerra, como foi o caso da Espanha entre os anos de 1936 a 1939.

Pelo fato da mídia ser um instrumento de intervenção na vida social, como colocado por Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1980), durante a Guerra Civil, os intelectuais utilizaram de publicações, tendo em vista a necessidade de combater o fascismo que vinha ganhando cada vez mais força dentro do país. Ângela Meirelles de Oliveira (2013) chama atenção para a importância das revistas na intervenção político-cultural dos intelectuais antifascistas no Cone Sul, o que vale também para o caso espanhol. Dentre essas publicações espanholas, duas se destacaram por terem reunido, talvez, os principais intelectuais espanhóis daquele período: *El Mono Azul* e *Hora de España*. A primeira possuía um formato mais panfletário, e reunia publicações que iam desde poemas até instruções de batalha. A segunda, por sua vez, era voltada para a cultura mais erudita e tinha como um de seus objetivos mostrar para o mundo que a vida intelectual espanhola continuava ativa, apesar da guerra (PROPOSITO, 1937). Dessa forma, a proposta deste artigo é analisar esses dois periódicos. Enfatizaremos a união entre cultura e política promovida por essas publicações, assim como o engajamento na causa antifascista neles contido.

Quando se trata de Guerra Civil Espanhola, muito se fala na dicotomia entre republicanos e nacionalistas como se estivessem divididos em duas Espanhas. Porém, estudos mais recentes, como o feito por Enrique Moradiellos (2016), mostram que existiam pessoas propensas a posicionamentos mais conservadores ou progressistas em todas as classes e regiões do país. Nesse contexto, as publicações possuíam papel fundamental como informativos e propaganda dos grupos envolvidos no conflito, dando aos intelectuais um papel estratégico. O próprio Ministério da Guerra tinha uma seção voltada para propaganda e imprensa, a qual publica uma nota ressaltando a importância do trabalho dos intelectuais tanto na propaganda republicana quanto na “orientação das massas” (EL MONO AZUL, 1936: p.8).

Os dois periódicos que elegemos para nossa análise, além de apresentarem grande variedade em suas publicações e reunirem grandes nomes da intelectualidade espanhola daquele momento, nos permite dimensionar o engajamento intelectual do lado republicano. Assim, este artigo está dividido em duas partes. A primeira voltada para *El Mono Azul*, publicação de caráter panfletário

que possuía forte apelo político, mas que também não negligenciou a produção cultural de seus intelectuais, fazendo uma fusão bastante interessante entre cultura e política. A segunda parte, por sua vez, será dedicada à análise da revista *Hora de España*, publicação mais voltada para a produção cultural espanhola, mas que apesar disso, também apresentava suas posições políticas e apoio ao lado republicano.

El Mono Azul

Em 27 de agosto de 1936, foi publicado o primeiro número de *El Mono Azul*, periódico que tinha por objetivo divulgar as ideias dos intelectuais da *Alianza Antifascista Española* aos combatentes. A publicação mesclava política com literatura, instruções militares e conselhos para situações de emergência (SOLER, 1987). Assinavam como responsáveis María Tereza León, José Bergamín, Rafael Dieste, Lorenzo Varela, Rafael Alberti, Antonio Luna, Arturo Souto, Vicente Salas Viu, entre outros intelectuais engajados na causa antifascista. Destaque para José Bergamín, que foi presidente da *Alianza Antifascista*, sendo também um dos presidentes do *II Congreso Internacional De Escritores Para La Defensa De La Cultura*, realizado entre os dias 2 e 12 de julho de 1937, nas cidades de Valência, Barcelona, Madri e Paris.

Já na abertura do primeiro número, o poema de Rafael Alberti, *Letrilla de El Mono Azul*, demonstra o interesse do periódico em promover a união entre cultura e política, assim como o engajamento da publicação e dos intelectuais que dela faziam parte:

El Mono Azul tiene manos/ manos que son de mono,/ que hacen amainar el tono/ de monos que son marranos./ No dormía./ ni era una tela planchada que no se comprometía./ El Mono Azul sale ahora/ de papel, pues sus papeles/ son provocarle y su señora./ ¡A la pista,/ pistola ametralladora,/ mono azul antifascista!/ ¡Mono azul!: salta, colea,/ prudente como imprudente,/ hasta morir en el frente/ y al frente de la pelea./ (Ya se mea/ el general más valiente.)/ ¡Salud!, mono miliciano,/ lleno, inflado, no vacío,/ sin importarle ni pío/ no ser jamás mono-plano./ Tu fusil/ también se cargue de tinta/ contra la guerra civil (ALBERTI, 1936, p. 1).

O poema demonstra que os intelectuais ligados ao periódico pensavam sua produção escrita como uma forma de combate, o que fica evidente nas três últimas estrofes: “Tu fusil también se cargue de tinta contra la guerra civil”.

O nome do periódico aludia à fusão entre a inteligência e a belicosidade, pois o “*mono azul*” dizia respeito ao macacão azul que os combatentes republicanos trajavam, mas também simbolizava o macaquinho azul símbolo da publicação:

Imagem 1: Símbolo de El Mono Azul.



El Mono Azul, año 1, n. 2, 3 de septiembre de 1936. p. 6

Alberti, em seu poema, através de um jogo de palavras, monta uma relação entre os sentidos dos vocábulos e também indica o engajamento do periódico. A escritora e filósofa María Zambrano, fazendo uso da figura de Palas Atena, mostra que essa relação entre inteligência e guerra e, de certa forma, também entre cultura e política, não era algo atípico e sim natural, uma vez que a inteligência já “nasceu armada”:

Todavía hay quien se extraña. Pero convendría recordarles que, en los días del nacimiento de la razón, cuando en Grecia, con maravillosa y fragante intuición, se quiso representar a la diosa de la sabiduría, Palas Atenea, se la vistió con casco, lanza y escudo. La razón nació armada, combatiente. Se había olvidado esta razón militante en el mundo moderno, dentro del cual, cuando la inteligencia se mezclaba a las luchas reales, se la consideraba de menor rango, perdida ya su condición de captar la verdad, pues se estimaba que únicamente la desvinculación de los intereses reales podía llevar a ella. Se crea en una verdad ideal, y la razón, ebria de sí misma, se creía invulnerable, absoluta, con lo cual, sin dejar de ser contemplativa, se creía legislar el mundo (ZAMBRANO, 1998, p.109).

Partindo disso, a categorização criada pela crítica literária Julia Miranda (2016), em seu livro *Frenética Armonía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*, para pensar os intelectuais e sua produção durante a guerra, nos ajuda a compreender melhor essa mudança de postura desses escritores que se tornam mais engajados. A autora utiliza a categorização de *intelectuais em guerra* para tratar da especificidade do engajamento durante o conflito espanhol. Para a autora, seria um “intelectual em guerra” não apenas aqueles circunscritos nos limites geográfico e temporal do acontecimento, no caso, Espanha entre 1936 e 1939, mas qualquer escritor que tenha usado sua escrita como uma forma de ação que tem por intuito transcender o espaço literário da guerra (MIRANDA, 2016, p. 284). Entre as “responsabilidades” que esses “intelectuais em guerra” passaram “assumir”, estava a de instruir os brigadistas que muitas vezes eram despreparados. Isso ocorria pelo fato de muitos deles nunca terem tido treinamento militar. Junto a isso, havia o problema de as armas e as munições serem limitadas, não permitindo o treinamento adequado

desses soldados. Assim, os intelectuais da *Alianza Antifascista Española* publicavam em *El Mono Azul* instruções sobre como utilizar corretamente uma arma ou como se comportar em determinada situação na frente de batalha, como demonstra a imagem¹:

Imagem 2: Instrução para sobreviver a bombardeios.



El Mono Azul, año 1, n.8, 15 de octubre de 1936, p. 7

Além de instruções como a desta da imagem, a revista também costumava publicar excertos de manuais de guerra com o intuito de ajudar na formação dos brigadistas. O conteúdo variava desde questões sobre disciplina e experiências históricas de guerra, até princípios bélicos como o publicado com o título de *Los tres principios del Conde Schlieffen*² que diziam:

¹A legenda da imagem diz: “Para protegeros de los aviones que lanzan bombas no debéis disparar ni correr. Lo uno, es inútil; lo otro, suicida. Protegeos como indica el gráfico. Los efectos del bombardeo aéreo son mucho más temidos que reales. El aviso anticipado por las sirenas de la llegada de un avión a las ciudades permite protegerte en los refugios con absoluta seguridad. En campo abierto, quien siga las instrucciones del Mando, difícilmente será alcanzado por las bombas. La explosión que el gráfico indica demuestra claramente que permaneciendo tendido en el suelo el peligro no existe. ¡No corred! ¡Quietos! ¡Quien corre, pone en grave peligro su vida y señala al enemigo la posición de nuestras fuerzas!”

²O conde Alfred von Schlieffen foi um estrategista alemão que ficou conhecido pelo objetivo que tinha de derrotar a Terceira República Francesa e o Império Russo.

1. El aniquilamiento del enemigo es el objetivo de la guerra; pero muchos caminos conducen a ese objetivo.
2. Toda operación debe estar dominada por un solo pensamiento, claro y sencillo, al que tienen que subordinarse todos y todo.
3. En el punto decisivo hay que poner la fuerza decisiva; el éxito sólo se adquiere con víctimas. (MONO AZUL, 1936, p. 2)

El Mono Azul trazia em sua parte central uma seção denominada *Romancero de la Guerra Civil*, onde eram publicados poemas que serviam como críticas aos líderes nacionalistas e também como divulgadores das ideias republicanas. Em um contexto de guerra, em que a disputa ideológica é grande, pensar maneiras diversas de difundir sua mensagem se faz extremamente necessário. Nesse sentido, formas poéticas como os *Romanceros*³ que, segundo María Zambrano (1998), estavam praticamente esquecidos, são ferramentas interessantes para a difusão de informações e ideias, por ser um tipo de poesia popular:

Los romances, el metro más popular a lo largo de toda nuestra historia, contribuyeron a enardecer los espíritus, a revitalizar los ánimos y, al convertirse en la voz de quienes tradicionalmente no tenían oportunidad de expresarse, al erigirse en portavoz de sus hazañas, difundieron, con un lenguaje eficaz y sencillo, un mensaje de solidaridad y heroísmo que, con increíble agilidad, cruzó todas las trincheras y se extendió por todos los frentes, llevando al mismo tiempo, con ánimo ejemplificador hasta la retaguardia, el desgarrado latir de una contienda que los poetas no habían buscado, pero a cuyo desarrollo tampoco podían – ni querían – permanecer ajenos una vez que otros la habían desencadenado (1936, NOVIEMBRE..., 1983, p. X).

Muitos foram os periódicos que circularam durante a Guerra Civil Espanhola. Os números, segundo o historiador Manuel Tuñón de Lara (1985), variam entre 150 até 500, não existindo um consenso a respeito. *El Mono Azul*, entretanto, é para o autor, o mais “revelador”,

porque no se limita a defender la legalidad republicana, sino que insiste en su legitimidad por el postulado de identificación de los escritores y artistas “con la causa del pueblo”, lo que, desde luego, va más lejos que la forma constitucional. Se escribe no como revista sino como hoja volante destinada al pueblo, ya el que combate en el frente, ya en la retaguardia; y adopta el romance como forma de expresión poética más sencilla para comunicar con ese pueblo (TUÑÓN DE LARA, 1985, p. 325).

El Mono Azul sintetizou bem o engajamento e também as necessidades apresentadas aos intelectuais espanhóis pela guerra. Devido as dificuldades encontradas para a publicação, sobretudo a escassez de papel, María Zambrano (1998) considerou o periódico como um ponto de virada na conduta dos intelectuais com ele envolvidos. Além de maior aproximação entre intelectuais e

³ Os *romanceros* são coleções de romances espanhóis com formato de baladas populares, geralmente breves e feitas para serem cantadas.

artistas de diferentes áreas, como escritores, poetas, pintores, etc., o constante contato com o campo de batalha, e toda carga emocional que isso implica, afetou diretamente esses intelectuais e também a sua sensibilidade. Isso gerou mudanças nos discursos que passaram a incorporar as necessidades impostas pelo conflito, a exemplo de uma maior politização da produção desses intelectuais.

Hora de España

Em janeiro de 1937, foi publicado o primeiro número de *Hora de España*, revista fundada pelos jovens poetas Rafael Dieste, Antonio Sánchez Barbudo, Juan Gil-Albert e Ramón Gaya, que receberam ajuda de Carlos Esplá, então ministro de propaganda da república (CAUDET, 1974). Formavam o conselho colaborativo da revista os intelectuais: Antonio Machado, León Felipe, José Bergamín, Tomás Navarro, Rafael Alberti, José Gaos, Dámaso Alonso, Alberto Halffter, José Moreno Villa, Rodolfo Halffter, dentre outros.

O nome da publicação fazia referência ao momento pelo qual a Espanha estava passando, que segundo os fundadores seria um momento de “transcendência incalculável” para o país, de fato a hora de Espanha

Saber si ésta es su hora definitiva, o una hora de enorme importancia sencillamente, es un problema que se nos presentó al pensar en el título. Y si optamos por la forma indeterminada fue porque ésta no admite ambigüedades, mientras, que, la otra sí. Al decir Hora de España afirmamos que es hora suya, pero no que sea su hora. [...] Quede, pues, en Hora de España, y sea nuestro objetivo literario reflejar esta hora precisa de revolución y guerra civil (PROPOSITO... 1937, p. 5).

A revista se propunha a mostrar para o mundo que, apesar da guerra, a vida cultural espanhola continuava ativa, colocando-se como defensora da cultura ao lado do seu povo.

Os intelectuais que escreviam em *Hora de España* pregavam que a cultura estava no povo. Essa postura indica uma mudança comportamental dos escritores espanhóis que, de alguma forma, estavam se deslocando de sua posição de elite intelectual para uma espécie de porta-vozes do povo, ensinando aquilo que aprenderam com o povo, como pregou Antonio Machado (1937, p. 12): “Siempre que advirtáis un tono seguro en mis palabras, pensais que os estoy enseñando algo que creo haber aprendido del pueblo”. Essa “ida ao povo” remete ao termo gramsciano de “nacional-popular”. Marcos Napolitano (2011, p. 33), ao examinar tal conceito, apresenta-o como uma “busca do idioma cultural e político-ideológico” que seja capaz de constituir um espaço simbólico, no qual as culturas das classes populares e as das elites burguesas sejam capazes de partilhar interesses, formando assim, alianças progressistas.

Bernardo Clariana por sua vez, chama atenção para o impacto da guerra na sensibilidade dos poetas e para o fato desses escritores serem também revolucionários. Para o autor, “el poeta, si lo es completo, es un revolucionario” e afirma que “Nuestros mejores poetas se han vinculado en carne y cultura les ha obligado a sentir y a pensar socialmente, unidos humana y poéticamente a las fuerzas renovadoras” (Clariana, 1937, p. 57).

Por outro lado, essa mudança também era usada como propaganda republicana, como colocou o historiador Manuel Tuñón de Lara (1985, p. 304-305):

La idea base de “la cultura tiene raíces en el pueblo” se presenta bajo las más diversas formas. En ese sentido, la revista *Hora de España* se halla en el punto de partida de la elaboración de ideología que no es el mensaje de consigna, sino algo más fundamental. Sánchez Barbudo – secretario de redacción los siete primeros meses – lo recuerda: “Ante todo nos importaban la calidad y la libertad; no queríamos escribir consignas, no queríamos escribir dictado. [...] Como esto no coincidía con la política del Frente Popular, podíamos fácilmente defendernos de los ataques de quienes nos decían que la revista tenía que ser más militante, más proletaria, más revolucionaria, etc”.

A revista tentou cobrir os acontecimentos culturais no país durante a guerra. Talvez o maior e principal evento tenha sido o *II Congreso De Intelectuais Para La Defensa De La Cultura*. O oitavo número de *Hora de España* é dedicado ao congresso, tendo publicado as apresentações e falas de vários intelectuais na ocasião, como Julien Benda, Ilya Eherenburg, Jef Last, José Bergamín, dentre outros. O texto de abertura do número escrito por Corpus Braga, ressalta a importância do congresso, sobretudo pelas circunstâncias em que estava sendo realizado. Segundo o autor:

Otras reuniones de escritores han habido y habrá más brillantes, más literarias en sus disertaciones, o de mayor interés, más intelectuales en sus debates; pero ninguna mejor que ésta podrá nunca realizar el propósito con que fue convocada (BRAGA, 1937, p. 5).

A fala de José Bergamín publicada na revista, por sua vez, é voltada a atacar os intelectuais que insistiam em se manter alheios ao conflito, isolados em sua “torre de marfim”. Bergamín evoca a figura de Hamlet e sua questão fundamental, “ser ou não ser”, que seria, para ele, a questão que os intelectuais deveriam se fazer naquele momento:

Pero no hay que olvidar que Hamlet no es el símbolo de la inteligencia, sino más bien su caricatura, la caricatura trágica del intelectual; plantea la cuestión problematizándola, es decir, aislándola, separándola de sí mismo. Por eso permanece indeciso, vacilante. Y siendo como es intelectual puro, contradice la virtud misma de la inteligencia que encarna: que es virtud o facultad de decidir y no de vacilar. Hay todo un intelectualismo hamletico que se alimenta de sí mismo en ese empeño vacilante e indeciso de problematizarse. Lo cual le aísla, le separa. El intelectual aislado se cree de ese modo independiente como la tortuga. Y se siente feliz en su propio reblandecimiento viscoso, protegido de todos por la

personal pesadez y penosa de su caparazón. El caparazón de la personalidad intelectual es como el de la tortuga: la máscara del miedo. Pero del miedo a la vida, no a la muerte. La cobardía no es miedo a la muerte, es miedo a la vida. Y ese intelectual blindado a toda prueba de comunión o comunicación humana, vive, se pudre en sí mismo y de sí mismo: se encierra faraónicamente en ese inconsciente empeño suicida, se pudre y momifica en vida, encerrándose en su propia tumba (BERGAMÍN, 1937, p. 31-32).

Os pronunciamentos do escritor e jornalista soviético Ilya Ehrenburg e do escritor e editor norte-americano Malcolm Cowley também receberam destaque da revista. Ehrenburg chamou atenção para o anti-intelectualismo fascista que queimava livros e colocava em descrédito os intelectuais (EHRENBURG, 1937). Cowley, por sua vez, falou sobre a falta de informações sobre a situação espanhola na mídia norte-americana e também sobre a influência da mídia fascista que levava parte da população estadunidense a apoiar Franco e os nacionalistas na Espanha (COWLEY, 1937). Ambos autores, por outro lado, expressavam otimismo em relação ao papel dos intelectuais em mudar tal situação.

A revista também publicou poemas de escritores famosos na Espanha naquele momento, como Luis Cernuda, Manuel Altolaguirre, Rafael Alberti, Emílio Prados, dentre outros. A poesia publicada em *Hora de España* tinha, por sua vez, um papel diferente daquele que exerceu em *El Mono Azul*. Enquanto que na última o uso da poesia como instrumento político era direcionado a ataques diretos aos fascistas espanhóis, como Franco e Mola, em *Hora de España* a poesia tinha um papel mais próximo ao de “cantar as dores da guerra”. Eram comuns os poemas que tratavam a figura da morte, do sangue, mas também da Espanha e de suas cidades e geografia.

Quando o conflito completou um ano, a revista publicou um texto refletindo sobre a guerra e o papel da revista:

En nuestra soledad, no aislamiento, la soledad del escritor nacida sobre la profunda convivencia de hombres con nuestro pueblo, hemos estado sumergidos oyendo el latido del corazón del tiempo, tratando de darle voz. Tratando de que esta voz fuese inteligible más allá de nuestras fronteras, buscando las conciencias, buscando la inteligencia insobornable, buscando, en suma, la hombría.

Hemos querido que todos nos oigan y para ello no hemos alzado la voz, sino que la hemos mantenido en su tono medio, en aquel que normalmente le sirve al hombre para hacerse entender de sus semejantes, pues no queremos nublar con gritos la claridad meridiana de nuestra hora. (*Hora de España*, 1938, p. 6).

O texto demonstra a angústia dos escritores envolvidos com a revista e com o conflito, numa tentativa de conscientização não apenas dentro da Espanha, mas também internacionalmente e, apesar disso, ainda mantém um tom otimista.

Diferentemente, o texto publicado no número XIX, sobre o segundo ano de guerra, possui características mais melancólicas:

En este mes de julio se cumple el segundo aniversario de la guerra. El tiempo mismo parece haber cambiado en la forma de su transcurrir. Fuera de España, el tiempo sigue su curso normal; dentro de ella las horas pobladas por la muerte, los días colmados de ansiedad y esfuerzo son por completo diferentes. Sintiéndonos en el centro de las miradas del mundo, nos parece, sin embargo, imposible dirigirnos a él. Vivimos un tiempo distinto. La integridad de nuestro destino afrontado con la sencillez de la vida y de la muerte, con la sobriedad de un sí y un no, nos hace casi incommunicables con todo lo que es rodeo, huida, contemporización. Sólo quienes nos aman nos acompañan, solamente los que comparten entre nosotros o a distancias a veces lejanísimas nuestra angustia y nuestro empeño. Para ellos el testimonio de nuestra fe en esta fecha de un repetido aniversario. Y para nuestros muertos, el perenne, inacabable recuerdo; la inquebrantable fidelidad. (Hora de España, 1938, p. 37).

Essa maior melancolia pode, em parte, ser explicada pelo fato de que em 1938 a guerra ganhava novos contornos, e o lado republicano seguia perdendo campo frente a ofensiva dos nacionalistas.

Hora de España contou com vinte e três números, sendo que seu último número não chegou a ser publicado. Segundo Francisco Caudet (1974), o número estava pronto desde novembro de 1938, mas seria distribuído apenas em janeiro de 1939. Contudo, a queda de Barcelona com a tomada da cidade pelo general Yagüe, fez com que a edição da revista fosse destruída. Como a distribuição já havia ocorrido, nem todos os números foram perdidos. O editorial do número era intitulado *Madrid*, em homenagem ao segundo aniversário da defesa da cidade, um marco histórico para os republicanos espanhóis:

Un pueblo que por sí y ante sí – concluyen –, sabe enfrentarse con la muerte, es ya algo más que un pueblo, es la imagen viva de la Libertad humana. Este en verdad es ya todo el pueblo español, que en Madrid ha tenido ocasión de mostrarse más resplandeciente, más luminoso. Al saludar a Madrid en esta fecha abrigamos a nuestra esperanza en el pensamiento de que siempre que en una agonía con sangre y angustia, se ha conquistado algo transcendente, nunca se ha perdido por completo (MADRID, 1938, APUD. CAUDET, 1974, p. 281).

O número seguiu o mesmo padrão dos anteriores, continuando a pregar a defesa da cultura e do povo espanhol.

Considerações finais

A Guerra Civil Espanhola, apesar de ter sido um conflito sangrento que abalou o mundo na década de 1930, foi também terreno fértil para a produção cultural, sendo, talvez, o ponto de sedimentação de uma nova sensibilidade que vinha surgindo desde o início dos anos 1920,

indicando uma maior politização da cultura. As duas publicações que analisamos aqui refletem isso, demonstrando uma diminuição nas distâncias entre as fronteiras da política com a cultura. Tanto em *El Mono Azul* quanto em *Hora de España* a noção de que a cultura deveria ser defendida da barbárie do fascismo era clara. Cultura que naquele momento era entendida como civilização, como bem definiu a historiadora Ângela Meirelles de Oliveira (2013). Por outro lado, essas publicações também faziam da cultura sua principal arma, usando de poemas, ensaios e tantos outros recursos para tal fim. Entendiam que a cultura deveria ser protegida, mas somente ela mesma poderia se proteger.

Assim, ambos os periódicos são fontes muito ricas para o entendimento não apenas do conflito espanhol, mas também para a compreensão do engajamento intelectual no período e também das sensibilidades vigentes naquele momento. Da mesma forma, os medos, as dores, as alegrias e as esperanças daqueles intelectuais aparecem dispostos nesses periódicos, evidenciando assim, as suas respectivas visões de mundo.

Referências bibliográficas:

- ALBERTI, Rafael. Letrilla de el mono azul. **El Mono Azul**. Año 1, n. 1, 27 de agosto de 1936.
- BERGAMÍN, José. Discurso. **Hora de España**. Año 1, n.8, p. 30-36, agosto de 1937.
- BRAGA, Corpus. El II congreso internacional de escritores. Su significación. **Hora de España**. Año 1, n. 8, p. 5-10, agosto de 1937.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.
- CAUDET, Francisco. Presentación de “Hora de España”. In: **Asociación Internacional de Hispanistas, Actas V**. n. 23, p. 279-285, 1974.
- COWLEY, Malcolm. Discurso. In: **Hora de España**. Año 1, n. 8, p. 41-45, agosto de 1937.
- EHRENBURG, Ilya. Discurso. In: **Hora de España**, Año 1, n. 8, p. 36-38, agosto de 1937.
- El Mono Azul**, n. 1. 27 de agosto de 1936.
- El Mono Azul**, n. 2. 3 de setembro de 1936.
- El Mono Azul**, n. 8. 15 de outubro de 1936.
- Hora de España**, n. 1. Janeiro de 1937
- Hora de Espanha**, n. 8. Agosto de 1937.
- MACHADO, Antonio. Consejos, Sentencias y donaires de Juan Mairena y de su maestro Abel Martín. In: **Hora de España**, nº 1, p. 7-12, Valência, 1937.
- MIRANDA, Julia. **Frenética armonía**. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española. Rosario: Beatriz Viterbo, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: **Temáticas**, Campinas, n. 37/38: p. 25-56, jan./dez. 2011.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles. **Palavras como balas**: imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado). Departamento de História/FFLCH/USP, 2013.

PROPOSITO. **Hora de España**. Año 1, n. 1, janeiro de 1937.

ROCCA, Pablo. Por qué, Pra qué una revista (sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). In: **Hispanamérica**, Año 33, N. 99 pp. 3-19, dec. 2004.

Romancero de la guerra civil española. Madrid: Visor, 1983.

SARLO, Beatriz. Intelectuales e revistas: razones de una practica. In: **América cahiers du criccal**. N. 9/10. p. 9-16, 1992.

SOLER, Manuel Aznar. **II congreso internacional para la defensa de la cultura (1937)**: literatura española y antifascismo (1927-1939). Valencia: Generalitat Valenciana. 1987. v. II.

TUÑÓN DE LARA, Manuel. Cultura y culturas. Ideologías y actitudes mentales. In: TUÑÓN DE LARA, Manuel, ARÓSTEGUI, Julio, VIÑAS, Ángel, CARDONA, Gabriel, BRICALL, Josep M. **La Guerra Civil Española 50 años después**. Barcelona: Labor, 1985. p. 275-358.

ZAMBRANO, María. **Los intelectuales en el drama de España y escritos de la guerra civil**. Madrid: Trotta, 1998.